



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Indignação e expectativas nas manifestações brasileiras de 2013: uma leitura empírica**

*Indignation and expectations in the Brazilian protests 2013: a statistical reading*

*Indignación y expectativas en manifestaciones brasileñas de 2013: una lectura empírica*

BENAYON, Julia Silva (1);

CAPANEMA ALVARES, Lucia (2);

SOUZA, Rogério Ferreira (3)

(1) Mestranda, Universidade Federal Fluminense, UFF, PPGAU, Niterói, RJ, Brasil; email: juliabenayon@gmail.com

(2) Professora Doutora, Universidade Federal Fluminense, UFF, PPGAU, Niterói, RJ, Brasil; email:  
luciacapanema@gmail.com

(3) Professor Doutor, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email:  
rfs\_68@hotmail.com

## **Indignação e expectativas nas manifestações brasileiras de 2013: uma leitura empírica**

*Indignation and expectations in the Brazilian protests 2013: a statistical reading*

*Indignación y expectativas en manifestaciones brasileñas de 2013: una lectura empírica*

### **RESUMO**

O Brasil viu manifestações populares tomando conta de suas ruas em diversas cidades a partir de junho de 2013. O presente estudo visa analisar as manifestações populares e as expectativas de transformação sócio-política em um contexto de planejamento neoliberal. A revisão bibliográfica se baseia na literatura que trata de movimentos sociais, sociedades em rede e empresariamento da cidade. A pesquisa empírica foi elaborada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013. Este estudo não esgota a discussão, mas aponta que apesar de toda a insatisfação com sua qualidade de vida e com seus governantes o povo foi às ruas na esperança de que o Estado ouviria seu clamor e que os governantes seriam capazes de efetuar mudanças concretas.

**PALAVRAS-CHAVE:** manifestações populares, planejamento neoliberal, insatisfação política e social, teoria dos movimentos sociais

### **ABSTRACT**

*Starting June 2013, Brazilians saw popular demonstrations taking over their streets in various cities. This study aims at analyzing the popular demonstrations and expectations of socio-political transformation in the context of neoliberal planning in Brazil. The literature review is based on social movements, network societies and city entrepreneurship readings. Empirical research was undertaken as part of Fluminense Federal University Post Graduation Program in Architecture and Urbanism, in the Research Methods course, between August and December 2013. This study does not exhaust the discussion, but points out that, despite all the dissatisfaction with their quality of life and their politicians, people went to the streets in the hope that the State would hear their cry and that governments would be able to make concrete changes.*

**KEY-WORDS:** popular protests, neoliberal planning, political and social insatisfaction, social movements theory

### **RESUMEN**

*El Brasil vio manifestaciones populares que han tenido el control de las calles en varias ciudades a partir de junio de 2013. Este estudio tiene como objetivo analizar las manifestaciones populares y las expectativas de transformación socio-política en el contexto de la planificación neoliberal. La revisión de la literatura se basa en la literatura sobre los movimientos sociales, las sociedades en red y el empresariamiento de la ciudad. La investigación empírica se ha elaborado en el marco del Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal Fluminense, en la disciplina de Métodos de Investigación, entre agosto y diciembre de 2013. Este estudio no agota la discusión, pero señala que a pesar de todo el descontento con su calidad de vida y sus gobernantes el pueblo salió a las calles con la esperanza de que el Estado escucharía su clamor y que los gobiernos podrían hacer cambios concretos.*

**PALABRAS-CLAVE:** manifestaciones populares, planificación neoliberal, insatisfacción política y social, teoría de los movimiento sociales

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil viu manifestações populares tomando conta de suas ruas em diversas cidades a partir de junho de 2013, fazendo com que a comunidade internacional voltasse seus olhos para este país, que sediava a Copa das Confederações FIFA 2013. Foram deflagrados inúmeros protestos por várias cidades do país. O panorama geral dos acontecimentos denota a proporção que tomaram as manifestações e a sua consequente relevância para estudo: somente no dia 20 de junho foram mais de dois milhões de cidadãos se manifestando em mais de quatrocentas cidades<sup>1</sup>.

O presente estudo visa analisar as manifestações populares e as expectativas de transformação sócio-política, situando-as no panorama político-econômico-social instaurado quando as manifestações começaram. Compreender suas motivações e consequências fornece subsídio para futuras atuações por melhorias significativas e necessárias para as sociedades. O estudo não ambiciona esgotar nem fornecer um resultado conclusivo acerca das manifestações, mas destacar a validade deste tipo de atuação como meio ativo de participação política.

O objeto de estudo do presente artigo foi a cidade do Rio de Janeiro. Acredita-se que as motivações e expectativas manifestas nesta cidade podem ser generalizadas para todo o país, dada a disseminação de informações e a similaridade das pautas nos movimentos em geral.

## 2 METODOLOGIA

As hipóteses iniciais sobre as manifestações a partir de junho de 2013 são que: a) elas tiveram como ponto de partida uma insatisfação geral sem um foco muito claro, b) que as manifestações, em si, são compreendidas pela população como meio de fazer política e transformar a sociedade e c) que existe uma relação clara entre as manifestações e a atual lógica de empresariamento da cidade.

A revisão bibliográfica se baseia na literatura que trata de movimentos sociais e empresariamento da cidade. Para tais assuntos foram consultados autores como Alexandre, Castells, Gohn, Harvey, Melucci, Scherer-Warren, Touraine e Vainer.

A pesquisa foi elaborada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013 e teve cunho exploratório. Delineadas as hipóteses de pesquisa procedeu-se à fase empírica, de caráter quantitativo, tendo como universo a Cidade do Rio de Janeiro, a partir do qual se pretende argumentar uma generalização para as manifestações brasileiras em 2013 de forma geral. A cidade, que protagoniza a recepção de megaeventos, apresenta fatores que aguçam e disseminam os sentimentos expressos pela população, mas retrata, de maneira geral, as mesmas expectativas e motivações manifestas pelo Brasil. Suas grandes obras de renovação urbana estão claramente inseridas no contexto de empresariamento da cidade (HARVEY, 1996).

Estimando-se em pelo menos um milhão de pessoas o número de manifestantes neste universo e conforme Gerardi (1981), estipulou-se uma amostra probabilística de 385 manifestantes para efeito de inferência estatística. Para fins de aplicação dos formulários - 20 questões (com um total de 40 subitens), sendo 5 descritivas e 15 atitudinais -, buscou-se

---

<sup>1</sup> Manifestações\_no\_Brasil\_em\_2013. In <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em 23.03.2014.

mapear os grupos mais presentes de acordo com a mídia e a própria experiência qualitativa dos alunos e professora em seus locais de maior frequência, como as proximidades dos campi, de importantes nós do transporte público, etc. É preciso salientar, porém, que os alvos da pesquisa foram locais escolhidos como representativos dos grupos priorizados, mas não se ativeram, nem mesmo questionaram, o pertencimento dos entrevistados aos grupos priorizados. Assim, pode-se falar em entrevistas agrupadas segundo ‘vieses’ (sem exclusão de pertencentes a outros grupos): estudantes universitários (105 entrevistas ou 27,3%); usuários de transportes públicos (70 entrevistas ou 18,2%); estudantes do ensino médio, professores, profissionais de arte e cultura, profissionais de saúde, GLBT e militantes de centro-esquerda em geral (35 entrevistas ou 9,1% para cada grupo).

Alguns entrevistadores não se ativeram aos locais escolhidos, perfazendo um total de aproximadamente 10% de entrevistas realizadas com público similar ao pretendido, mas fugindo ao desenho inicial da pesquisa. Estima-se que estes desvios não terão invalidado a inferência estatística, já que em nenhum caso foi realizada entrevista com pessoa que não tenha participado das manifestações.

Os dados foram tabulados e manipulados utilizando-se o software SPSS 20.0, considerando principalmente as frequências e correlações significantes na amostra e as probabilidades no universo. A primeira questão, aberta (“Qual o seu principal motivo para participar das manifestações?”), foi categorizada de forma a agrupar temas similares até que a categoria “outros”, perfazendo ao fim 10% dos entrevistados, não pudesse ser desmembrada em algum grupo com representação igual ou maior que 1% das respostas. Para fins de inferência estatística, algumas variáveis não atingiram a distribuição normal e foram desconsideradas para o universo.

Para obter um panorama mais robusto e complementar ao estudo foi realizada também uma pesquisa qualitativa, com entrevistas abertas semiestruturadas feitas com estudantes universitários que participaram de uma ou mais manifestações desde junho de 2013.

### **3 MARCO TEÓRICO**

Desde sua interpretação clássica, os movimentos sociais e seus grupos foram percebidos e teorizados como processos oriundos de ações coletivas na busca por transformações sociais. Alexandre (1998) sustenta que apesar das diferentes abordagens teóricas sobre os movimentos sociais, dos clássicos aos contemporâneos, as variações são sempre em torno de lutas antigas e já consolidadas, “movimentos de natureza prática e histórica” (ALEXANDRE, 1998, p.22). Assim, do pensamento clássico, que tomava como ponto de reflexão a história das revoluções e as grandes mobilizações de massa na luta pela tomada do poder antagônico passando pelos novos movimentos sociais da década de 1960 - que atribuíram à cultura, identidade, demandas do cotidiano e solidariedade um significado especial à mobilização e à ação social - até os movimentos contemporâneos em rede no ciberespaço que se materializam na atualidade, todos lidam com reflexões objetivas da vida em sociedade e subjetivas das lutas simbólicas de seus atores.

Entretanto, como nos adverte Touraine (2006), nem todas as ações coletivas, conflitos ou iniciativas políticas são necessariamente movimentos sociais. É preciso observar até que ponto as manifestações sociais, as ações coletivas em suas reivindicações apontaram e enfrentaram causas de “dominação social generalizada” (TOURAINÉ, 2006, p. 18). Uma ação social só pode

ser classificada como movimento social quando enfrenta uma relação de poder que opera “sobre o conjunto dos principais aspectos da vida social, ultrapassando as condições de produção em um setor, de comércio ou de troca ou, ainda, a influência exercida sobre os sistemas de informação e de educação” (TOURAINÉ, 2006, p. 19). Para ele, os movimentos sociais são formas de conduta coletiva e não somente, crise e evolução de um sistema. Como analisa Gohn (2007), em Touraine o movimento social deve substituir a noção histórica de classe social em Marx: a luta se dará não mais pelo domínio dos meios de produção mas pela definição das finalidades culturais da produção: educação, saúde, e informação de massa. É a autogestão do sentido histórico e a democracia interna que os movimentos sociais priorizam e não mais a tomada do poder. (GOHN, 2007, p. 152).

Já Melucci conduz suas reflexões acerca dos movimentos sociais em outra direção teórica e metodológica, apontando para o micro social no plano psicossocial. O autor parte da teoria da ação social para ver o ator social como ponte importante para a compreensão dos movimentos sociais e não trata o movimento social como um objeto empírico, capaz de ser observado. Os movimentos sociais são uma categoria analítica, um “sistema de relações sociais” em que não existe uma “espécie de ‘espírito’ oculto do movimento” (MELUCCI, 1989, p. 56).

Analicamente Melucci define como movimento social:

uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação. Estas dimensões permitem que os movimentos sociais sejam separados dos outros fenômenos coletivos (delinquência, reivindicações organizadas, comportamento agregado de massa) que são, com muita frequência, empiricamente associados com "movimentos" e "protesto". [...] O que nós costumamos chamar de movimento social muitas vezes contém uma pluralidade destes elementos e devemos ser capazes de distingui-los se quisermos entender o resultado de uma dada ação coletiva. (MELUCCI, 1989, p. 57).

Para Scherer-Warren (2006) as sociedades globalizadas são compreendidas e analisadas como multiculturais e complexas, sendo cada vez maior a diversidade de atores da esfera social civil. Neste sentido, as sociedades em redes, por seu caráter multiforme, atraem para si atores diversos com interesses e lutas variadas, mas que em algum momento se unem por interesses e ideais compartilhados. Entende-se que a sociedade é representada por um sujeito plural e não por um sujeito identitário único. Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e valores (...) (SCHERER-WARREN, 2006, p. 115)

É proposto pela autora que as redes de movimentos sociais estão construindo caminhos para uma política emancipatória e tornando estes caminhos mais claros para uma população excluída que nunca teve real acesso à cidadania e “criando utopias de transformação que foram unificadas no lema “um outro mundo é possível” e suas variações de interpretação. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 515).

Entende-se que a sociedade é heterogênea, complexa, multicultural e, como tal, tem apresentado em suas lutas por cidadania este caráter múltiplo aproximando atores sociais diversificados. Para Castells, os atuais movimentos sociais situam-se no contexto das sociedades em rede, em que existem nós de maior força e atração, mas compreendem um tipo de empoderamento mais horizontal. É importante destacar que Castells discute o efetivo poder de transformação das mobilizações. Segundo o autor há diversos estudos apontando que muitos cidadãos acreditam poder influenciar o mundo através de sua atuação. Para ele a

descrença no sistema político não despolitiza a sociedade, pelo contrário, pode provocar reações variadas e diversas – de conformidade a insurgências políticas – que levam-na a mover-se de alguma forma.

O autor discute ainda a saturação da população perante o uso da política a que a sociedade está submetida. Observa-se que por vezes a população torna-se tão incrédula que inclui todos os políticos no mesmo nível de baixa apreciação e tende a escolher, dentre tantos fatores que a incomodam, aqueles que mais a machucam ou se aproximam de seus interesses. Este contexto de depreciação política colabora para a compreensão de possíveis razões deflagradoras de movimentos sociais e reivindicações públicas. Castells (2007) aposta que uma mudança mais completa - relacionando o que as sociedades pensam e experienciam à própria reorganização estrutural das sociedades - ocorrerá, inevitavelmente, mas que levará tempo e sofrimento. Ainda assim, a mudança não virá ao encontro das esperanças dos agentes de mudança social.

Através de Harvey (1996) compreende-se que o capitalismo e a sociedade capitalista contribuem de maneira peculiar e característica para o desenvolvimento urbano e a distribuição da urbanização no espaço. Observa-se que os governos têm se apresentado mais como empreendedores do que como gerenciadores da administração urbana. O capital vem prevalecendo sobre o social no espaço urbano, e este é um aspecto de fundamental relevância para compreensão do contexto político em que o Brasil e mais países em desenvolvimento da América Latina estão inseridos.

os investimentos tomam cada vez mais a forma de uma negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o melhor possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista. (HARVEY, 1996, p. 50)

A partir de Harvey apreende-se que as cidades do capitalismo tardio - sobretudo na América Latina – vêm passando por um processo de empresariamento em que competem no mercado internacional por investimentos. Importante destacar que “o novo empresariamento tem como característica central a noção de ‘parceria público-privada’” (HARVEY, 1996, p. 52), beneficiando claramente os interesses do capital.

Com Vainer (2007) compreende-se de forma mais aprofundada e incisiva as implicações da adoção do Planejamento Estratégico como meio de fazer política urbana no Brasil – e em especial no Rio de Janeiro. A cidade converte-se em mercadoria, em empresa e em pátria, tendo como consequência a negação da própria cidadania. É a cidade mercado versus a cidade política. O planejamento urbano se confunde cada vez mais com o planejamento estratégico de conceitos e técnicas advindos do planejamento empresarial desenhado em Harvard. Segundo defensores do planejamento estratégico, as cidades estão submetidas às mesmas condições e desafios que as empresas.

“A mercadotecnia da cidade, vender a cidade, converteu-se [...] em uma das funções básicas dos governos locais...” (BORJA & FORN, 1996, apud VAINER, 2007, p. 78). A moda entre neoplanejadores urbanos é entender a cidade como mercadoria a ser vendida num mercado competitivo em que outras cidades estão à venda. O que já era natural – atrair quem pode consumir – se torna projeto e estratégia deliberadamente excludentes de promoção da cidade: “a cidade não é apenas uma mercadoria mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis” (VAINER, 2007, p. 83). A cidade ganha uma nova identidade ao se constituir como empresa. “O market lead city planning, porém, a exemplo do neoliberalismo realmente existente, não abre mão de uma clara e decisiva intervenção estatal... desde que voltada para

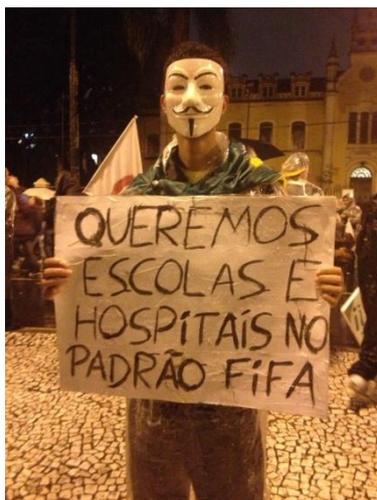
os interesses constituídos e dominantes no mercado.” (VAINER, 2007, p. 86). Os resultados da cidade-empresa são a cidade e o poder local redefinidos segundo uma lógica mercadológica em que grupos com escassa relevância estratégica – leia-se a população de baixa-renda e demais grupos não solventes – não são contemplados havendo, então, a própria despolitização da cidade. Este projeto, para ser implantado e abraçado, necessita de consenso, “o plano estratégico supõe, exige, depende de que a cidade esteja unificada, toda, sem brechas, em torno do projeto” (VAINER, 2007, p. 91). O discurso trata a cidade como uma unidade, como sujeito simples, coeso e sem qualificação, o que é uma negação da própria cidade enquanto espaço político, como palco de conflitos.

### **O Brasil e o Rio de Janeiro às vésperas das manifestações**

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD-IBGE) para 2001, 2005 e 2009 e suas projeções para 2013, mostram que a população brasileira está menos jovem (decaindo a proporção de pessoas entre 15 e 39 anos), mais escolarizada e tem mais acesso à internet, apontando para uma possível maior percepção da realidade e das controvérsias políticas e sociais presentes no Brasil e maior adesão às manifestações populares iniciadas em junho de 2013.

Um panorama das políticas públicas adotadas nos últimos anos no Rio de Janeiro particulariza a cidade em relação ao empreendedorismo urbano em termos de volume de obras e investimentos, mas não a torna exceção, já que todas as cidades-sede da Copa FIFA 2014 sofrem o mesmo processo (CAPANEMA ALVARES, MEDEIROS E PAIVA, 2013), que não difere muito em termos de interesses e público-alvo. Parte do cenário político, urbano e econômico da cidade do Rio de Janeiro é consequência direta do Plano Diretor Estratégico homologado em 1995 por César Maia, cujo mandato foi conhecido por converter o Rio de Janeiro em cidade-espetáculo. O planejamento estratégico, o empresariamento da cidade e os megaeventos estão, neste sentido, intimamente relacionados. Muitos grupos rejeitaram a Copa e os Jogos Olímpicos e ou pediam “Hospitais Padrão-Fifa” e “Escolas Padrão-Fifa”.

Figura 1 – Manifestante com cartaz pedindo melhores escolas e hospitais.



Fonte: <http://quintaldanoticia.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Protestos2.jpg>. Acesso em 14.12.2013.

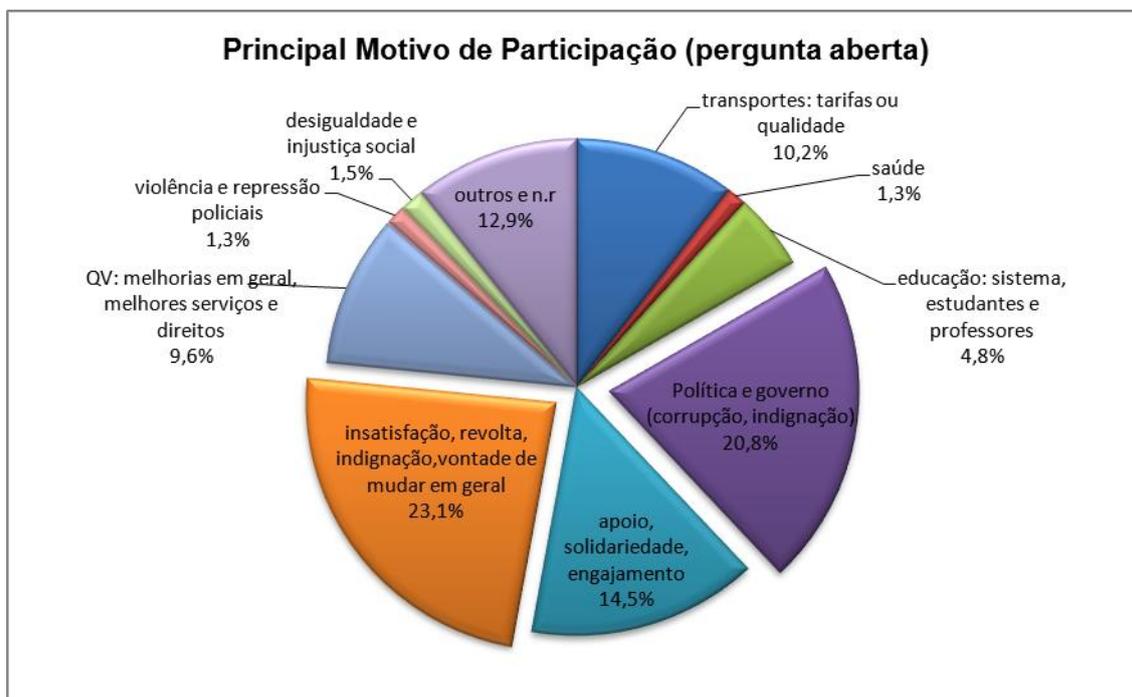
Mas os megaeventos são apenas a ponta do iceberg de um sistema de gestão urbana excludente claramente adotado nas cidades brasileiras. Observa-se que o contexto do

empresariamento da cidade, dos megaeventos e dos megaprojetos – Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha, implantação de corredores viários para metrô, BRTs e VLTs, obras e privatização no Aeroporto Internacional Tom Jobim, entre outras obras públicas de caráter questionável – são sintomas claros de políticas públicas que negligenciam a maior parte da população.

#### 4 ANÁLISES E INFERÊNCIAS: AS MANIFESTAÇÕES E A ESPERANÇA DE UM POVO

A maior ocorrência para o principal motivo de participação das manifestações foi "indignação, insatisfação, revolta" (em geral ou em relação a política e governo); 44% dos entrevistados assim se manifestaram, significando a probabilidade de pelo menos 31% na população de manifestantes. Apesar da variedade de lutas, há um senso de coesão centrado na insatisfação para com o próprio sistema social, político e econômico, conforme gráfico 1.

Gráfico 1 – Principal motivo de participação das manifestações. Em destaque as respostas mais frequentes: indignação.



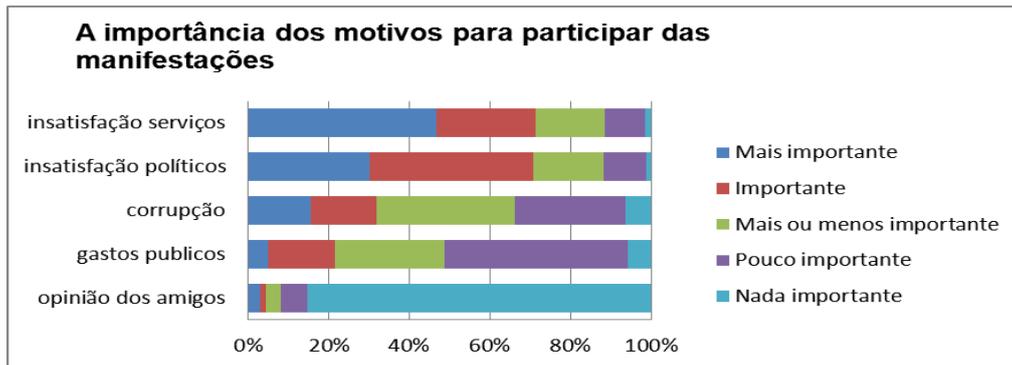
Fonte: Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013, professora doutora Lucia Capanema.

Quanto ao grau de instrução dos entrevistados, 50% tinham o Ensino Médio completo ou superior incompleto e 41% tinham o Ensino Superior completo indicando uma probabilidade de 75% dos manifestantes com Ensino Médio completo ou mais, o que corrobora a tese de maior politização dos manifestantes através da educação formal.

Quando convidados a classificar motivações pré-determinadas para sua participação em ordem decrescente, a menos importante, com pontuação igual a 31, foi a opinião dos amigos, em seguida os gastos públicos com pontuação igual a 22 e a corrupção, com pontuação de 19,5. Entre os motivos considerados mais importantes estão a insatisfação com governantes e

políticos eleitos (pontuando 14) e a insatisfação com os serviços públicos (pontuação de 13). O gráfico 2 mostra a porcentagem de escolhas feitas para cada item pré-determinado, demonstrando que 45% dos entrevistados tiveram como principal motivo os serviços públicos, 29% a insatisfação com governantes e políticos eleitos e 15% a corrupção.

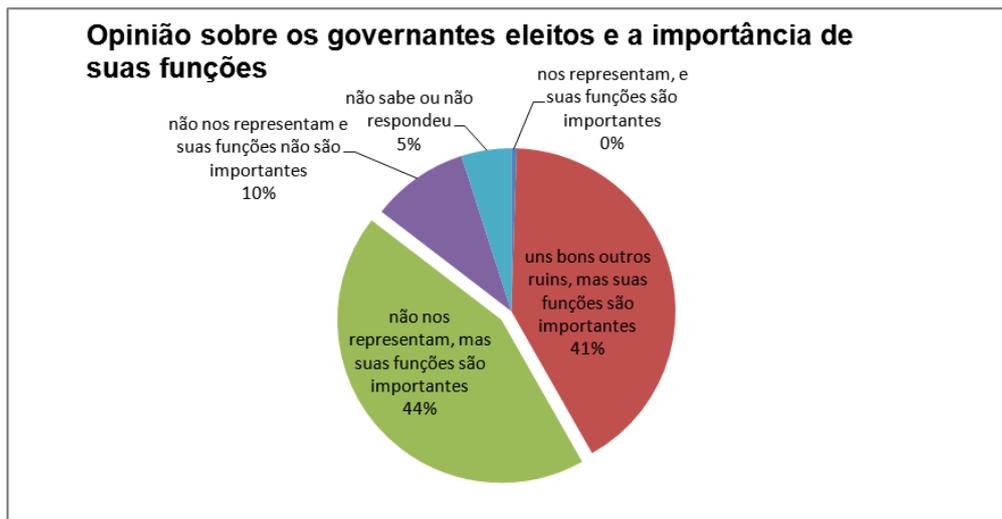
Gráfico 2 – Classificação da importância dos motivos pré-determinados para participação nas manifestações.



Fonte: Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013, professora doutora Lucia Capanema.

Depreende-se assim, das duas primeiras questões, que é grande a insatisfação geral e para com os políticos e governantes eleitos, sendo o maior motivo específico a insatisfação com os serviços públicos (com a probabilidade de 30% no universo de manifestantes). Os políticos e governantes eleitos aparecem em segundo lugar tanto na questão aberta quanto na pré-determinada, fato que não surpreende quando se considera a opinião dos manifestantes acerca de sua representatividade e funções, conforme o gráfico 3.

Gráfico 3 – Opinião dos manifestantes sobre os governantes eleitos e a importância de suas funções para o país.

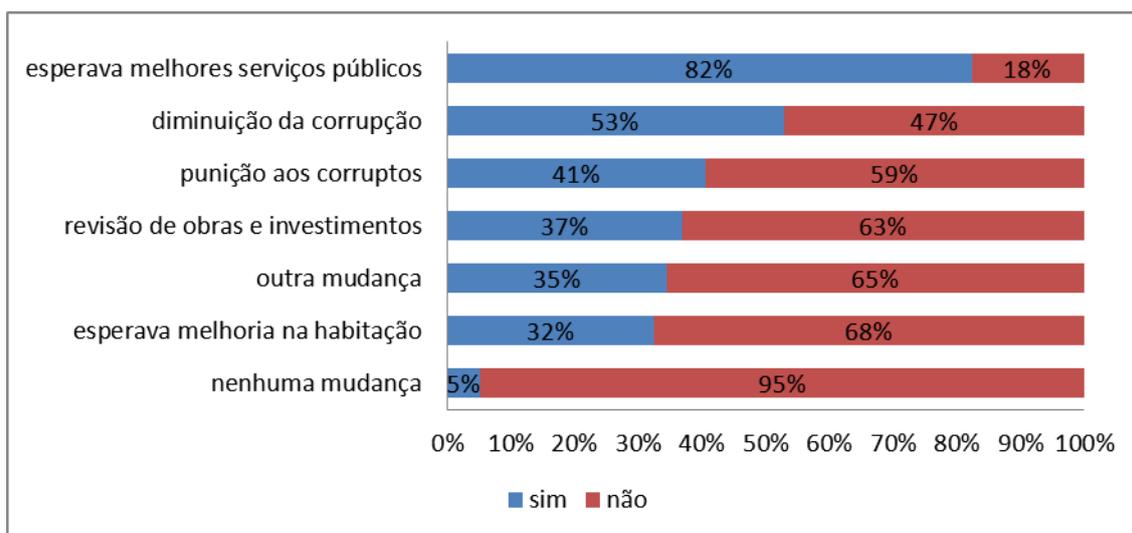


Fonte: Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013, professora doutora Lucia Capanema.

Os dados apresentados no gráfico 3 corroboram o contexto político que facilitou a deflagração das manifestações de junho – 54% dos entrevistados declaram que não se sentem representados pelos políticos eleitos, e dentre eles 10% acreditam que as funções exercidas por eles não são importantes para o país. Aqui, separa-se governo e Estado. Na população de manifestantes, a probabilidade de não reconhecer as funções estatais é de apenas 7%, enquanto a probabilidade de não se sentir representado por nenhum governante eleito atualmente é de 39%. Não chegou a 1% os entrevistados que se declararam representados pelos governantes eleitos e apreciadores das funções estatais.

Perguntados sobre as mudanças concretas (em lista pré-determinada) que esperavam com sua ida às ruas, cerca de 95% dos entrevistados acreditavam em alguma mudança através das manifestações. A mudança concreta mais esperada foi a melhoria dos serviços públicos, em consonância com suas motivações e com o estopim das manifestações (os R\$0,20 nas tarifas de coletivos públicos): 82% dos entrevistados esperavam essa melhoria; a segunda mais votada foi diminuição da corrupção e a menos votada foi “nenhuma mudança”. Destaca-se que 37% dos entrevistados esperavam mudanças nos gastos e investimentos públicos, em claro desacordo com as políticas neoliberais dos atuais governos, como se vê no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Expectativas de mudanças concretas por meio das manifestações.



Fonte: Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense na disciplina de Métodos de Pesquisa, entre agosto e dezembro de 2013, professora doutora Lucia Capanema.

Analisando-se as correlações entre as variáveis coletadas, reforça-se a coerência dos manifestantes. A principal motivação declarada em questão aberta correlaciona-se com 99% de certeza à insatisfação com os serviços públicos e com a corrupção e com a expectativa de melhorias nos níveis de corrupção, com a punição dos corruptos e com a revisão de gastos públicos (este último, com 95% de certeza). Os que esperavam melhorias concretas nos serviços públicos a partir das manifestações, com 99% de certeza também esperavam menos corrupção, punição aos corruptos, revisão de gastos públicos e outras mudanças. Curiosamente, a expectativa de melhoria nos serviços cresce à medida que cresce a confiança nos representantes eleitos e no Estado (com 95% de certeza), embora uma maior confiança não se traduza na expectativa de menores índices de corrupção (que se correlacionam negativamente com 95% de certeza).

Os resultados quantitativos obtidos para motivações e expectativas, mostram assim que havia embasamento e esperança, em grande consonância, para a participação nas manifestações com foco nas questões gerais relativas aos serviços públicos e à administração, resguardada a figura do Estado. A pesquisa qualitativa, conforme o relato que se segue, foi norteadada por estes resultados.

Uma estudante universitária do curso de Ciências Sociais da UFRJ relatou que a manifestação pela manifestação já se justificava, e que esta era uma forma importante de fazer política. Atuante e engajada politicamente mesmo antes de junho de 2013, ela relatou não saber viver sem utopias, sem acreditar que a sociedade em que vive pode mudar para melhor. Um estudante universitário do curso de Direito da Unilasalle, participante ativo de quase todas as manifestações ocorridas no Centro do Rio de Janeiro, trabalhava em um escritório na Av. Presidente Vargas – palco e passagem de muitas das manifestações – à época dos protestos e disse ter ficado espantado com o volume de pessoas nas ruas. Relatou a beleza daquelas manifestações, e como o povo parecia estar dando um grito de basta a tantas insatisfações das quais estava saturado. Também disse acreditar na importância das manifestações populares, e que pela primeira vez uma geração que todos julgavam adormecida politicamente acordou e se lançou nas ruas para se fazer ouvir. Em suas palavras:

Acho que foi isso o mais importante e o que manteve as manifestações acesas: eram vários assuntos que estavam engasgados na goela do povo. Foram anos aguentando os descasos do governo. As passagens deram o toque necessário pra acordar o gigante.

## 5 CONCLUSÃO

Este estudo buscou traçar um paralelo entre o contexto político-econômico-social e as manifestações, suas lutas gerais e específicas e as expectativas de serem, elas próprias, um meio de transformação real, concreta e plausível. Com tantas individualidades e selfs, é compreensível a variedade de lutas e discursos presentes nas manifestações. É importante retomar o argumento de que as manifestações não começam como resposta direta a algum evento ou situação política extrema, em particular; este ponto indica o caráter heterogêneo das lutas que se encontram justapostas durante os protestos. A heterogeneidade é produto das sociedades em rede, e reflexo de uma sociedade multicultural, globalizada e complexa. A literatura corrobora esta hipótese e compreende as manifestações heterogêneas, plurais e múltiplas como produto de uma sociedade em rede cujos atores se relacionam e lutam de uma maneira diferente da usual.

As manifestações de junho de 2013 são o produto de uma sociedade crescentemente insatisfeita mergulhada dentro de um contexto político em que os megaeventos, o empresariamento da cidade e o planejamento estratégico da cidade constituem-se como alavancas de agudização das diferenças entre ricos e pobres, empoderados e subordinados. São meios práticos e claros de atuação política e de transformação social a médio e longo prazos. Os manifestantes que se lançaram às ruas para gritar contra uma teia de atores e situações que os pressionam acreditam que a manifestação é meio concreto de transformação da sociedade. Estudos indicam que muitos cidadãos acreditam influenciar o mundo por meio das mobilizações. As manifestações não constituem um meio de transformação imediata, mas a velocidade de um fenômeno não invalida, em absoluto, sua validade ou importância.

Este estudo não esgota a discussão, mas destaca a validade da manifestação popular como meio ativo de participação política. Há outras formas possíveis de atuação, mas começar por



algum lugar e por algum meio é necessário. Pelo que se pôde apreender as bandeiras levantadas eram variadas, mas a maioria trazia na essência uma insatisfação geral para com o governo, governantes, e com a ineficiência dos serviços públicos. As lutas definitivamente não foram somente pelos R\$0,20. Oitenta e dois por cento dos entrevistados tinham a expectativa de influenciar na melhoria dos serviços públicos, variável diretamente correlacionada com a confiança nos representantes eleitos e no Estado (com 95% de certeza). Isto significa que apesar de toda a insatisfação com sua qualidade de vida o povo foi às ruas na esperança de que o Estado ouviria seu clamor e que os governantes seriam capazes de efetuar mudanças concretas.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Jeffrey C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e desdobramento do modelo clássico dos movimentos sociais. São Paulo: RBSC - Revista Brasileira de Ciências Sociais – ANPOCS, vol.13, n.37, 1998.
- CAPANEMA ÁLVARES, Lúcia; MEDEIROS, Mariana G. P. ; PAIVA, Ludmila R. O paradigma neoliberal e os megaeventos: como a Copa e as Olimpíadas servem à produção de cidades mais excludentes no Brasil. In: XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação em Planejamento Urbano, 2013. Recife. *Anais do XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação em Planejamento Urbano, 2013. v. 01.*
- CASTELLS, MANUEL. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication* 1 (2007), 238 – 266. Disponível em <http://ijoc.org>.
- \_\_\_\_\_. Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
- GERARDI, Lucia H. O. *Quantificação em Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1981. Pp.12-20.
- GOHN, Maria da Gloria. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Editora Loyola, 2007.
- HARVEY, David. "Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio". In: *Espaços e debates*. São Paulo. Ano XVI, nº 39, 1996.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? São Paulo: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n.17, Junho 1989.
- SCHERER-WARREN, Ilse. "Das mobilizações às redes de movimentos sociais". *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, Abr. 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01029922006000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01029922006000100007&lng=en&nrm=iso). Acessado em 07 Out. 2013.
- \_\_\_\_\_. "Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?". *Cad. CRH* [online]. 2008, vol.21, n.54, pp. 505-517. ISSN 0103-4979. Acessado em 15/12/2013
- SOUZA, Rogério Ferreira de, GAJANIGO, Paulo Rodrigues: Manifestações e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica. Salvador, BH: *Cadernos CRH*, (no prelo).
- TOURAINE, Alain. Nas fronteiras dos movimentos sociais. Brasília, DF: *Revista Sociedade e Estado*. Vol.21, n.1, Jan/Abr 2006.
- VAINER, Carlos B. "Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia do discurso do Planejamento Estratégico Urbano". In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos*. 4ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2007.